

QUAL A ÁFRICA? REPRESENTAÇÕES DO CONTINENTE AFRICANO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .

Cristiane de Almeida Gonçalves¹

Fantasma é um conhecido personagem das histórias em quadrinhos, e bastante popular nos anos 1970 e 1980. Criado por Lee Falk nos anos 1930 foi o primeiro herói a usar um uniforme, tendo suas tiras publicadas diariamente nos jornais a partir de 17 de fevereiro de 1936 e aos domingos como edição colorida em maio de 1936, até os dias atuais (2006). No Brasil, o personagem se tornou muito popular. Ele usa uma máscara preta e um uniforme roxo, carrega duas pistolas coloridas calibre 45 no cinturão de couro preto com uma fivela imitando uma caveira. O fantasma é um herói que não tem poderes, apenas grandes habilidades física, destreza com armas e agilidades. Esta questão nos remete a um debate ainda hoje enfrentado por parte de alguns estudiosos que rejeitam ser o Fantasma um super herói, mas tão somente um herói.

A revista do fantasma nos remete a uma discussão significativa em relação às formas como o continente africano vem sendo representado em suas páginas. Pode se afirmar que as mesmas levam o continente africano a sofrer vários tipos de estereótipos.

A trama deste bravo herói acontece em um dos mais diversificados continentes do mundo. Ele é uma representação do colonialismo, ao regressarmos a uma análise mais profunda deste herói, iremos perceber uma forte ligação com o continente europeu, ao começar pela sua descendência que já é uma referencia essencial para este estudo. O fantasma é um herói que descende de europeus (Inglês), e veio botar ordem e defender os africanos de toda tirania e do mal, e ainda encontra tempo para ajudar os governantes dos países africanos a solucionar problemas diversos existentes neste continente. Ele carrega consigo uma carga muito grande de simbolismo europeu. É esse simbolismo que precisa ser submetido à análise, de modo que nos traga certezas sobre seus significados. A questão que me pergunto é: Será que os africanos precisam mesmo da ajuda de um herói branco para resolver seus problemas?

Todo herói, seja qual for sua origem ou época, deveria servir, velar, defender e vigiar a paz existente no local em que vive. Estes são os atributos designados para um herói. Portanto, ele é aquele que põe o interesse coletivo acima dos seus próprios, e que se sacrifica por uma causa, um ideal. Como o fantasma poderia se apropriar desses

atributos se ele é uma representação dos que invadiram, escravizaram e massacraram povos diversos, em nome do seu bem querer? Segundo “Elikia M’ Bokolo” para alguns europeus os africanos ”indígenas” podiam constituir uma excelente carne para canhão, que serviria de tampão e permitiria preservar a vida dos soldados brancos; era o que o escritor Frances Pierre Massé assinalava claramente quando em 1915 declarava que “mais valia despovoar as colônias do que despovoar a França”.²

A África, para esse herói, não passa de um lugar selvagem, primitivo onde só existem “tribos”, que estão a todo instante guerreando. Trata-se de “um lugar” repleto de povos rudes, ignorantes, desprovidos de valores civilizatórios. Além de todos estes “adjetivos”, ainda nos resta afirmar que tais “tribos” são formadas por diferentes tonalidades de peles negras, o que torna tais indivíduos desprovidos de qualquer valor.³Nesta perspectiva, Fantasma é um herói racista, que tem mais privilégio e prestígio por conta da sua cor (branca), quando comparado com os habitantes daquela região, ”os africanos”.

Esses estereótipos, marcados por estigmas diversos, refletem de uma forma bastante clara os processos de construção e retro-alimentação do racismo em nosso país. Basta imaginarmos como as leituras destas revistas foram interpretadas por diferentes gerações de negras e negros baianos, que viam parte dos seus valores sendo massacrados, forjados e dilacerados pelo racismo que está impregnado nas páginas das histórias em quadrinhos da ”revista do Fantasma”. Este racismo possui grande força na sociedade baiana. Mesmo que ainda permaneça mascarado, é dotado de grande poder em nosso imaginário, mesmo na nossa forma de pensar, até entre os que se propalam anti-racistas. Nesse sentido, faz-se necessário não apenas entender o racismo, balizando-o com as questões diretamente relacionadas às representações da África lançadas para nossa sociedade, mas também apreender as formas, maneiras e trejeitos com que este racismo invade os nossos lares em sua plenitude.⁴ O Brasil sofre com os bombardeios de elementos culturais europeus, ao passo que tudo o que cheira a África é ou representado como selvagem e primitivo, logo, impróprio para ser absorvido, ou é colocado como atrasado e, por isso mesmo, definidor de uma situação de caos, questão “inerente” ao continente africano. É nesta perspectiva que se insere não só as revistinhas do Fantasma, mas também a quase totalidade dos filmes hollywoodianos que possuem a África como temática.⁵

Pode-se estabelecer um paralelo entre o contexto racial vivido na Bahia e a situação criada nas histórias do Fantasma. Ora, sabe-se que a maior parte dos baianos é negra, questão comprovada na imensa maioria dos censos realizados em nosso país. Mas os cargos públicos, de modo geral, são ocupados por brancos, fruto não só das desigualdades sociais, mas, sobretudo, do espelho racial estabelecido no país desde os tempos coloniais. Nas histórias do Fantasma o paralelo pode ser estabelecido a partir da escolha do roteirista Lee Falk: um herói branco e descendente de europeu que vive entre os negros. Desta forma não só é consolidada uma imagem de submissão, mas também a representação de que os brancos são, de fato, superiores aos negros. Tal questão pode ser percebida nas entrelinhas das histórias existentes na coleção da EBAL.⁶

A África sobre a visão do colonialismo.

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas eram retratadas como desprovidas de História, sobretudo devido a uma “ausência” de textos escritos. Sabe-se, a partir dos diferentes volumes da coleção História Geral da África, que tal afirmação destoa do que é efetivamente verdadeiro.⁷ A África possui documentos escritos, apesar de estarem mal distribuídos tanto no que diz respeito ao tempo, como ao espaço. Há, por exemplo, diversos documentos que foram escritos pelos árabes, e que se remetem aos séculos X, XI, XII, XIII, XIV e XV. A partir do século XIX temos os registros dos marinheiros, militares, missionários e exploradores, que sob discursos diversos, passaram a “conhecer” o continente africano, deixando os registros de suas expedições neste continente.⁸

Com as lutas de independência, a história da África começou a ganhar novos rumos. Alguns historiadores Africanos passaram a estabelecer mudanças tanto na perspectiva, como no foco das questões que diziam respeito à forma como os africanos entendiam a si, bem como o seu próprio passado.⁹ Vem daí não só os processos de valorização da história do continente, como também das qualidades dos povos e de suas identidades. A historiografia africana passou por uma grande transformação! A sociedade africana é dotada de tradições orais em que os protagonistas dessas tramas são os próprios africanos, que se orgulham das suas memórias transmitidas de geração a geração, dos mais velhos para os mais novos.

Um dos fenômenos que causaram grandes danos para a história da África foi o tráfico negreiro e a invasão no final do século XIX, que corroborou para a colonização a que o continente foi submetido. Desde que foram empregados às noções de “brancos e negros”, para separar colonizadores dotados de supremacia absoluta, dos colonizados, os africanos, marcados pela cor da sua pele negra, foram transformados em mercadorias e destinados a trabalhos forçados. O racismo contemporâneo, herdeiro de tal contexto, é um dos flagelos mais difíceis de eliminar. O racismo cresceu de tal forma que fica difícil bani-lo da sociedade atual. Ele se espalhou de uma crescente forma, que está bastante explícito nos filmes, televisões, programas de rádios, livros, assim como nas revistas em quadrinhos.

No século XIX foram estabelecidos escalas de valores, levando em conta as diferenças físicas, principalmente a cor da pele. Os africanos se situam na parte mais baixa dessa escala, ficando a mercê dos europeus, que se colocaram na parte mais alta desta classificação. As histórias do Fantasma mostram, de modo subliminar, não só esta hierarquização, mas também os valores ideológicos deste contexto. Os europeus não se cansavam de divulgar a ideia de que a África não tinha importância, nem valores para serem seguidos. Então, se acharam no direito de impor os seus costumes, tradições e valores, repudiando tudo o que fosse “africano”.¹⁰

Desta forma os africanos tornaram-se objetos de desprezo. Esses povos foram submetidos a diferentes contextos de imposições culturais, que em alguns casos se mantêm até os dias atuais. Dessa forma o continente africano passou despercebido, sem poder dar em troca a mínima contribuição para o mundo. Para Joseph Ki-Zerbo a “África poderá realmente vir a tê-la; mas é preciso um ter autêntico, não um ter de esmola, de mendicidade. Trata-se do problema da identidade e do papel a desempenhar no mundo. Sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio”.¹¹ A história da África não oferecia interesse para a historiografia convencional, sobretudo por que “a África não tem passado ainda que houvesse, seria esquecida a razão”.¹²

O que a África representa para o mundo

A negação do passado científico e tecnológico dos povos africanos deram a impressão ao restante do mundo, de que a população africana não teve nenhuma

contribuição para o conhecimento universal. Isso fica bem claro quando nos deparamos com discursos preconceituosos que relataram a África como um continente eternamente pré-histórico, bárbaro, cujos habitantes são desprovidos de sabedorias, incapazes de construir ou transmitir conhecimentos, lugar de sol ardente, com paisagens sem belezas, onde se encontram vários animais selvagens. É neste local, segundo tais representações, em que são praticados rituais macabros, habitados por povos pobres, que só vivem em guerras. A África é o não-lugar, e não oferece as mínimas condições para sobrevivência de seres humanos. Só os selvagens, acostumados com tal lugar, que conseguem viver em tais condições. Evidente, os selvagens e os heróis, no caso Fantasma, dotado de capacidades que lhe fazem ter a liderança dos povos que lhe cercam. Mais uma vez nos deparamos com valores hierárquicos transmitidos subliminarmente no texto.

Conclusão:

As revistinhas do Fantasma se constituíram em excelente canal de divulgação de idéias e concepções sobre o continente africano. Mostraram que o homem branco, mesmo em condições adversas, é infinitamente superior ao negro, sendo, inclusive, o seu líder. Tais características, entretanto, não podem ser tomadas em seu valor absoluto. Há ambigüidade em nosso herói quando aumentamos a escala de análise das fontes. Há outras coleções que mostra valores diferentes em nosso herói, inclusive o anti-racismo em alguns casos. Este trabalho, nesse sentido, é tão somente o esboço de um projeto maior ainda em andamento, que visa buscar o entendimento de como o continente africano ganhou as características esboçadas ao longo do texto. As revistinhas do Fantasma se constituem em parte desse processo, ao lado dos jornais, revistas de divulgação e filmes hollywoodianos. A África, nesse sentido, sofre uma grande conspiração de desvalorização, em que estão presentes diferentes valores e perspectivas, mas creio que tal discussão poderá ser encetada em outro trabalho.

¹ Cristiane de Almeida Gonçalves; Graduanda do curso de Licenciatura em História da UNEB; e-mail; cristianecatu@hotmail.com.

² M'BOKOLO, Elikia. *África negra. História e civilizações – Tomo I (até o século XVIII)*. Salvador/ São Paulo: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2009.

³ Sobre o conceito de “tribo”, ver: CASTRO, Celso. *Evolucionismo cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁴ Para entender o racismo no Brasil, ver: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Ed. 34, 2002; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito e discriminação – queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2004, 2ª edição; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito racial. Modos, Temas e Tempos*. São Paulo: Ed. Cortez, 2008; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2005, 2ª edição; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. *Tirando a máscara. Ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁵ Para entender como a África é representada nas mídias, principalmente nas revistas brasileiras de grande circulação, ver: Oliva, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África. Diálogo entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da história da África no mundo Atlântico*. Brasília: UNEB, tese de doutorado em História, 2007.

⁶ Revistas do Fantasma. Editora EBAL, disponível em <http://guiaebal.com/albumfastasma.html>

⁷ Dentre os oito volumes, ver especialmente: KI-ZERBO, Joseph (org). *História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010; MOKHTAR, Gamal (Org). *História Geral da África, Vol. II - A África antiga*. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010

⁸ Uma boa discussão deste tema pode ser visto em: HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

⁹ Esta questão é mais bem discutida em: KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. Volume I. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1972. Os trabalhos de Cheik Anta Diop podem ser apontados como seminiais na questão relacionada com a valorização do continente africano. Sobre tal questão, ver: DIOP, Cheikh Anta. *Precolonial Black Africa*. Independent Publishe, 1988; DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or Barbarism - an Authentic Anthropol*. Lawrence Hill Books, 1991

¹⁰ As aspas dizem respeito ao fato de que a idéia de africano alude a uma suposta homogeneidade existente no continente, algo que não existe no sentido universal em quaisquer circunstâncias. Não há nada que seja comum a todos os povos do continente africano, daí o cuidado que tenho de colocar aspas sempre que utilizar o adjetivo pátrio em questão.

¹¹ Ver: APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

¹² KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Rio de Janeiro: Pallas, 2006.